



PARA A PRÁTICA EDUCATIVO-CRÍTICA: UM CONVITE A LEITURAS DE PAULO FREIRE

FOR EDUCATIONAL-CRITICAL PRACTICE: AN INVITATION TO READINGS OF PAULO FREIRE

Daniela Porte¹

Silvia Adélia Henrique Guimarães²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar ação pedagógica estruturada em um ciclo anual de debates intitulado "Para a prática educativo-crítica: um convite a leituras de Paulo Freire". Trata-se de uma série de encontros de leitura reflexiva de duas obras essenciais para a formação docente: "Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa" (Freire, 1996) e "Pedagogia do Oprimido" (Freire, 1968). O ciclo está inserido em ação ramificada do projeto de extensão Café com Método: Estratégias de popularização do pensamento científico aplicado aos estudos de linguagens, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nasceu da ideia de construção de um espaço para reflexão, junto a estudantes da graduação/pós da UERJ e professores atuantes na educação básica, sobre a prática educativo-crítica e a educação popular a partir de Paulo Freire e de autores em diálogo com o autor.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Educação Freireana. Ciclo de Debates. Popularização do pensamento científico.

ABSTRACT: This article aims to present pedagogical action structured in an annual cycle of debates entitled "For educational-critical practice: an invitation to readings of Paulo Freire". It is a series of meetings for the reflective reading of two essential works for teacher training: "Pedagogy of Autonomy, necessary knowledge for educational practice" (Freire, 1996) and "Pedagogy of the Oppressed" (Freire, 1968). The cycle is part of a branched action of the extension project **Coffee with Method: Strategies for the popularization of scientific thought applied to language studies**, linked to the State University of Rio de Janeiro. It was born from the idea of building a space for reflection, together with undergraduate/graduate students at UERJ and teachers working in basic education, on educational-critical practice and popular education from Paulo Freire and authors in dialogue with the author.

KEYWORDS: Teacher Training. Freirean Education. Cycle of Debates. Popularization of scientific thought.

¹ Professora do Departamento de Línguas e Literaturas do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp UERJ), Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. danielaporte7@gmail.com

² Professora do Departamento de Línguas e Literaturas do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp UERJ), Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. sguimaraes05@hotmail.com





1. INTRODUÇÃO

O ciclo de debates “Para a prática educativo-crítica: um convite a leituras de Paulo Freire” apresenta-se como uma série de encontros de leitura reflexiva de duas obras essenciais para a formação docente, “Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa” (1996) e “Pedagogia do Oprimido” (1968). Não por acaso, a perspectiva plural de “leituras” no título: também se vislumbrou para o ciclo a apresentação de obras menos estudadas de Paulo Freire ou daquelas que dialogassem com a práxis freireana. A ação pedagógica está inserida em prática ramificada do projeto de extensão **Café com Método: Estratégias de popularização do pensamento científico aplicado aos estudos de linguagens**, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e nasceu da ideia de construção de um espaço para reflexão, junto a estudantes da graduação/pós e professores atuantes na educação básica, sobre a prática educativo-crítica e a educação popular a partir de Paulo Freire e de autores em diálogo com o autor.

A proposta justifica-se, em primeira instância, pela ampliação de ofertas na formação continuada para estudantes de cursos de graduação centrados na prática educativa e para nossa própria formação, educadoras atuantes no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Representa também parte dos desdobramentos e das convocações que os encontros do primeiro ano do projeto de extensão em questão trouxeram, considerando seu viés fulcral centrado na popularização do discurso científico nos estudos da linguagem, em perspectiva crítica. Não deixa, portanto, de se fundamentar essencialmente na necessidade premente de trazeremos à cena da formação docente a constante (re) leitura do pensamento de Paulo Freire.

O objetivo principal do ciclo é de promover um convite à (re) leitura, ao debate, à reflexão e aos estudos de duas obras freireanas elementares para a formação docente, que, por vezes, são conhecidas apenas de maneira fragmentada (trechos e citações) pelos estudantes de graduação, ou sequer chegam a lhes ser apresentadas durante sua formação. Notamos que muitos de nossos estudantes do curso em Letras não haviam lido as obras de Freire e nós mesmas sentíamos a necessidade de revisitá-las naquele momento do nosso percurso como professoras da educação básica e da graduação. Nesse sentido, entendemos que proporcionar encontros para a efetiva leitura de Paulo Freire nos levaria a investimentos em três frentes: i) a atualização do pensamento freireano diante do panorama político-educacional atual; ii) mudanças na nossa prática pedagógica e na de nossos estudantes em formação docente e iii) abertura de diálogo com obras vinculadas à práxis freireana na contemporaneidade.





Trata-se de um *modus operandi* que se coaduna com as representações ideológicas que pautam o todo do projeto e, para descrevê-lo, organizamos este texto da seguinte forma: na primeira seção, descrevemos o projeto de extensão Café com Método, de modo a contextualizar a forma de ser do ciclo, mas também seu lócus institucional e ideológico. Na segunda seção, descrevemos o ciclo de debates “Para a prática educativo-crítica: um convite a leituras de Paulo Freire”, abordando aspectos que se destacaram na construção de conhecimentos teóricos das obras analisadas, dos participantes, do projeto de extensão em que está inserido e das perspectivas ainda vindouras para os encontros. Na terceira seção, registramos algumas reflexões geradas pela leitura das obras selecionadas; o que se segue das considerações finais e expectativas futuras - tudo banhado com utopia e com esperar!

2. O PROJETO DE EXTENSÃO CAFÉ COM MÉTODO: ESTRATÉGIAS DE POPULARIZAÇÃO DO PENSAMENTO CIENTÍFICO APLICADO AOS ESTUDOS DE LINGUAGENS

O objetivo central do projeto de extensão “Café com Método” é potencializar vivências discursivas que (re)signifiquem o que seja fazer ciência no campo das linguagens, de modo que a metodologia da pesquisa científica seja experienciada em sua constituição plena (filosófica, científica e técnica) e refletida em perspectiva aplicada. De natureza crítica (Fairclough, 2001; Freire, 2014), o projeto extensionista nasce do desejo de cooperar efetivamente com a desconstrução a) da disseminação de um discurso anti/pseudocientífico; e b) da reprodução de discursos que hierarquizam as áreas de conhecimento.

Por defender que estas vivências precisam ocorrer nos diferentes níveis e segmentos educacionais, mas também em outros espaços sociais de interações, o “Café” compreende sua atuação pela relação ensino-pesquisa-extensão, formando, esta concepção tríplice, a própria engrenagem do projeto. Assim sendo: 1) o ensino movimenta esta engrenagem na forma de eventos educacionais (debates, rodas de estudo, minicursos, oficinas, palestras...) que possibilitem que estudantes de (pós)graduação acessem falas que retextualizem teorias relacionadas ao discurso científico (e que, igualmente, preparem estas pessoas participantes para a realização de uma transposição didática que faça circular esses saberes na educação básica); 2) a pesquisa movimenta esta engrenagem na forma de participação/proposição de eventos acadêmicos (de modo a problematizar, desde as concepções paradigmáticas, a popularização do discurso científico) e na forma de (re)escrita/orientação/publicação; e 3) a extensão, na forma de





adaptação linguístico-discursiva dos saberes que desejamos compartilhar com os diferentes sujeitos sociais (especialistas; não especialistas já inseridos em diferentes níveis/segmentos educacionais; e não especialistas não inseridos no discurso educacional) e em diferentes contextos sociais.

Trata-se de um trabalho para a popularização que se inicia nas próprias escolhas lexicais que encapsulam o projeto. Em primeiro lugar, fazemos a opção pelo termo “popularização” (no lugar de “difusão”, “divulgação”, “comunicação”, “socialização”), por compreendermos que a expressão engloba e amplia as formas de compartilhar saberes e por desejarmos acionar a problematização que a expressão suscita. Isto porque: a) ela abarca a noção do que é acessível, podendo gerar efeito de sentido de democratização; b) ela possibilita a discussão sobre o próprio termo, geralmente carregado de representação ideológica de desvalorização (vide carro popular, consulta popular, preço popular); e c) ela confronta a representação ideológica de um discurso científico encastelado. Assim sendo, com a escolha pela expressão, desde o título, o Café com Método se posiciona ideológica e politicamente a favor do que deveria e deve ser a popularização do saber científico: uma noção relacionada ao democrático, ao mesmo tempo em que deveria ser valorizado (Guimarães, 2023).

Já o segundo aspecto relacionado às crenças representadas no nome do projeto refere-se ao “Café com Método”. Não sem propósito, o título convoca intertextualidade, ao selecionar uma expressão amplamente escolhida para representar eventos, grupos e lugares de diferentes segmentos sociais: “café com” – portanto, já popular na função de título. Contudo, para além de uma das noções que a expressão pode acionar (encontro agradável, conversa, geração de dopamina...), no contexto do projeto, acreditamos haver espaço para a compreensão de que, também o café (tão ampla e historicamente conhecido, e tão natural e facilmente preparado na cultura brasileira), é preparado a partir de um método – relacionamos, assim, café, método, ciência e popularização.

Central destacar que não se trata apenas de popularizar, mas também de problematizar: Popularizar o quê? O Café elegeu um recorte específico de popularização, como antecipamos; contudo, este recorte ultrapassa o objetivo de representar as Ciências da Linguagem como ciência. O Café com Método objetiva proporcionar vivências discursivas que superem as representações de uma ciência acrítica: deseja popularizar um pensamento científico que se faça a favor da reflexão, que valorize os métodos desenvolvidos no eixo Sul (e não apenas no Norte Global como epicentro do Saber), de modo que a experiência com a metodologia científica tenha base também na decolonialidade do pensar, do ser e do fazer. O Café defende, portanto, uma prática de





ensino-pesquisa-extensão para a autonomia e para a formação cidadã – não nos sentidos pretendidos pela macro e pela necropolítica.

Para fazer desta forma, nossas pequenas ações precisam movimentar os saberes, o que se dá por meio das escolhas - e, especialmente, pelo lado de quem e por quem se quer lutar. Aqui, pois, insere-se o que veio a ser uma ação indissociável do Café: o ciclo de debates Paulo Freire, que possibilita reflexões sobre a formação de professoras e de professores que sejam teórica e metodologicamente competentes para pensar estratégias que driblem/enfrentem os problemas que emergem (e são reflexo) dos problemas político-educacionais brasileiros.

Contudo, há que se retomar: epistemologicamente, o Café com Método insere-se no paradigma qualitativo (Denzin; Lincoln, 2006). Assim sendo, enquanto o projeto coopera com a iniciação/desenvolvimento de sujeitos nas práticas docentes para a criticidade, para a popularização do discurso científico na educação básica e para o contradiscurso, acreditamos que as pessoas docentes que conduzem o projeto também terão suas práticas modificadas e redirecionadas, com a troca e com este fazer – modificações que já podem ser observadas neste artigo.

3. PORMENORES DO CICLO: QUEM SOMOS E QUE IDEIAS CRIAMOS ATÉ AGORA

O ciclo de debates está acontecendo em 2024, com início no mês de abril e conclusão em dezembro do ano corrente. Há um cronograma de encontros mensais, divulgado inicialmente pelas redes sociais que publicizam as ações do projeto de extensão Café com Método. As professoras mediadoras das leituras reúnem-se uma vez a cada mês, em espaço reservado no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desde o primeiro encontro, ficou acordado com e pelo público inscrito (vinte e nove) estratégia de leitura prévia das obras completas. O uso das 3 horas do encontro presencial serviria para releitura de trechos selecionados pelos próprios inscritos e pelas mediadoras como norte das nossas reflexões e debates. Cabem, nesta seleção, dúvidas vocabulares e/ou conceituais, informações editoriais e ideias representativas da nossa identidade docente.

Vejamos, então, a proposta de calendário do ciclo que vem sendo executada:

30/04/ 24	Pedagogia da Autonomia
21/05/ 24	Pedagogia da Autonomia 2





18/06/24	Pedagogia do Oprimido
02/07/24	Pedagogia do Oprimido 2
27/08/24	Educar com a mídia, novos diálogos com a educação
17/09/24	Cartas à Cristina
22/10/24	Ensinando a transgredir, a educação como prática da liberdade
19/11/24	Paulo Freire e a educação popular, esperar em tempos de barbárie
10/12/24	Encerramento, registros avaliativos e mais reflexão

É importante destacar as razões para a escolha das demais obras após o trabalho com Pedagogia da Autonomia e do Oprimido. As duas obras de autoria do próprio Paulo Freire, “Educar com a mídia, novos diálogos com a educação” (Freire, 2013) e “Cartas à Cristina” (Freire, 1994), entraram em nossa seleção, porque - ao contrário do que ocorre com as duas primeiras, amplamente divulgadas e reconhecidas, embora nem sempre lidas de forma completa – são exemplares de estilo e conteúdo criado por Freire pouco conhecidos por docentes em formação.

Em tempos pós-pandêmicos, em que muito se discute sobre os efeitos do excesso de telas e das relações perniciosas que a tecnologia tem trazido para o espaço escolar, conhecer o pensamento de Freire acerca da *mass media* e de instrumentos tecnológicos que alcançavam o espaço da sala de aula pareceu-nos interessante ponto de partida para aquilo que inicialmente objetivávamos também com o ciclo: a atualização do pensamento freireano frente à sala de aula que se nos apresenta nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, em “Cartas à Cristina” (Freire, 2003), o contexto histórico-político traçado por Paulo Freire, escrito no estilo “conversa com seu interlocutor (a Cristina ou todos nós?)”, nos serve de apoio/de resposta para muitas das questões engendradas nas obras lidas inicialmente. É como se com o Cartas pudéssemos seguir a linha de correlação entre contexto político e contexto educacional, imprescindível para se alcançar camadas mais profundas nas leituras de Pedagogia da Autonomia e do Oprimido.





As duas últimas obras apresentam diálogos importantes com Paulo Freire. Em “Ensinando a transgredir, a educação como prática da liberdade”, de bell hooks (2013), reconhecemos a perspectiva feminina negra sobre processos de exclusão e de racismo na realidade educacional americana, numa perspectiva histórico-memorialista, ao mesmo tempo que identificamos a possibilidade de alargarmos o olhar sobre as concepções de ensino freireana. Já a coletânea de práticas freireanas encerradas em “Paulo Freire e a educação popular, esperar em tempos de barbárie” (Vasconcelos, Mendes, Mussinos, 2023) leva ao reconhecimento de variadas iniciativas, em todo o Brasil, em que se fez presente a práxis freireana como modelo de construção do conhecimento e/ou da organização de comunidades educacionais.

O perfil do público inscrito, contando com a bolsista de Iniciação à Docência (Uerj/Cetreina), do projeto de extensão em questão, era majoritariamente feminino e de estudantes da graduação (Pedagogia), embora contássemos com duas inscrições de pós-graduação também da área da Educação. Os interesses motivadores dos participantes centraram-se basicamente na ideia de aprofundar conhecimentos acerca da pedagogia freireana para aprimorar a formação pessoal e acadêmica.

A avaliação dos encontros vem sendo feita durante todo o percurso de leitura, com momento final reservado para exposição de ideias acerca das leituras. Além disso, a presença de 50% aos encontros entrará como critério para certificação. Por fim, egeremos juntos um tipo de registro que resuma a representatividade do ciclo: memorial, relatório e/ou bricolagem a ser entregue no dia do encerramento.

Como se trata de uma prática ainda em andamento, não julgamos pertinente destacar resultados concluídos, apenas vislumbrar iniciativa que certamente culminará em processo de formação continuada. Resta-nos ainda apontar que, ao estilo freireano, os encontros têm sido regados a trocas de conhecimentos trazidas por cada participante, dúvidas partilhadas entre todos, respeito aos saberes que se apresentam como respostas a tais dúvidas e esperança de construção de uma prática docente crítica, respeitosa e afetuosa.

4. REFLEXÕES SUSCITADAS PELAS OBRAS SELECIONADAS

Desde que a ideia do ciclo de debates “Para a prática educativo-crítica: um convite a leituras de Paulo Freire” surgiu, em uma das reuniões de avaliação do projeto Café com Método, no final de 2023, a primeira questão que nos motivou a concretizá-lo foi a possibilidade efetiva de um espaço para a leitura das obras escolhidas de maneira integral. Firmaríamos um compromisso conosco mesmas, em coletivo, sobre a leitura





completa das obras, seguida de um grupo de estudos para debates. Assim, estávamos dispostas não apenas a fomentar nossa formação docente, mas também a dividir essa tarefa com aqueles que se interessassem pela partilha de saberes.

No primeiro encontro, ocorrido em abril de 2024, escutamos os participantes presentes e conversamos sobre a nossa metodologia de trabalho. Decidimos que aqueles que não conseguissem concluir toda a leitura da obra antes dos encontros não poderiam, de forma alguma, perder a chance de estar conosco, pois as discussões serviriam como inspiração para acomodação de tempo para as leituras e certamente gerariam algum aproveitamento. Desse modo, embora tenhamos mantido o combinado de avançar o quanto possível na leitura integral das obras, não nos impediríamos de estar presentes aos encontros se, por força do excesso de atividades pessoais e profissionais, não alcançássemos a leitura completa das obras. Também decidimos eleger, para cada encontro, uma epígrafe, retirada da obra lida e debatida, a partir do mote principal que se tinha apresentado como ponto fulcral da discussão.

Ainda neste primeiro contato, conversamos sobre a razão de promovermos um “ciclo de debates” e não um curso sobre as obras de Paulo Freire, recorrendo à concepção de educação bancária para justificar que a “narração de conteúdos [...] tende a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e os objetos pacientes, ouvintes – os educandos” (Freire, 2005, p. 65). Com Freire, portanto, propusemos espaço de diálogo e reconhecimento de saberes por nós já construídos ao longo de nossas vivências, além de nos preocupar em buscar com criticidade aqueles tantos outros que se desvendavam com as leituras individuais e partilhadas.

O debate sobre Pedagogia da Autonomia iniciou-se com a comparação entre os textos escritos na contracapa das duas distintas edições apresentadas pelo grupo. Ambas publicadas pela editora Paz e Terra, chamou-nos a atenção que, enquanto a 31ª edição da Coleção Leitura, de 2005, trazia as palavras de Frei Betto, tecendo explicitamente um diálogo com Paulo Freire - em que se destacava a influência das ideias freireanas para eleição do primeiro mandato do presidente Lula -, a 74ª edição contava com texto de autoria não identificada, centrado no resumo das ideias do livro e no destaque da biografia acadêmica de Paulo Freire, trazendo em letras sobrelevadas a informação “Paulo Freire é patrono da educação brasileira”. Tal diferença nos encaminhou para a percepção de que os últimos ataques da extrema direita brasileira a Paulo Freire, além de infundados e reduzidos em argumentos, reforçam a urgência da leitura completa das obras para que se compreenda de maneira ética e coerente o pensamento do autor.





Ocorreu-nos que, lendo apenas a contracapa da edição com o texto de Frei Betto, é mais fácil para o leitor acreditar na redução de toda a potência do pensamento freireano a apenas um evento político, por mais representativo que seja na história do Brasil. Com a leitura completa da obra, é possível compreender que Pedagogia da Autonomia, o último livro escrito em vida por Freire, exige do leitor esforços maiores na busca de conceitos de distintas áreas de conhecimento, para que ele se aproxime, de fato, de tudo que o autor reflete acerca do que o ato de ensinar exige de educadores e educandos. Em outras palavras, em contato com a leitura completa da obra o leitor entenderá que o pensamento freireano está entrelaçado a outras áreas do saber - que precisam, portanto, ser estudadas - e, principalmente, imerso a um *continuum* de saberes produzido pelo próprio autor. Se não se pode ler apenas a contracapa do livro para compreender a amplitude das ideias de Freire na proposição de uma prática educativo-crítica, também a leitura isolada do livro Pedagogia da Autonomia parece-nos depauperar a possibilidade de aprofundamento da filosofia freireana.

É importante repetir o que apresentamos até aqui como proposta do ciclo de debates: a leitura integral das obras faz-se necessária para que a formação docente se construa com rigor crítico. “Ensinar exige pesquisa e rigorosidade metódica” (Freire, 1996, p. 26), afirma Paulo Freire. Nesse sentido, a reflexão levantada com a comparação apenas dos textos da contracapa de edições diferentes nos aponta como a falta de rigor metodológico, de estudo e de leitura aprofundada pode levar as pessoas a repetirem discursos infundados, fraudulentos e perversos cujo objetivo é sempre apenas um: manter o *status quo*; não alterar, pelo viés científico, os caminhos que possibilitam a educação libertadora e crítica que, fatalmente, levará ao questionamento das injustiças sociais e à cobrança daquilo que nos é de direito em sociedade.

A formação crítica liberta, porque traz a possibilidade de escolhas, prepara para a tomada de decisões, engendra e constrói o olhar crítico diante dos fatos da vida o que, portanto, provoca a percepção de que, enquanto gente, somos seres em construção, inacabados e, porque inacabados, sabemos que não somos condicionados a permanecer sempre em uma realidade; ao contrário, conscientes do inacabamento, passamos a ter a garantia de que podemos ir mais além dele (Freire, 1996). Tal percepção coaduna-se com a proposta do projeto de extensão Café com Método que, em seu cerne, visa popularizar o conhecimento científico da área da linguagem com o objetivo, dentre outros mais descritos na seção 1 deste artigo, de promover o reconhecimento de metodologias de pesquisa na área das Humanidades para além do que o imaginário coletivo reconhece como “ciência”, e, justamente por isso, combater o discurso negacionista.





As discussões a partir da leitura da obra “Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa” (Freire, 1996) centraram-se em termos técnicos da Filosofia que permeiam os estudos da construção do conhecimento (Gnosiologia e Epistemologia, por exemplo), os conceitos de “Fatalismo Neoliberal” e “Dialogismo” em Freire e a concepção do termo “Autonomia”. Como a maioria do grupo do ciclo é estudante do curso de Pedagogia da UERJ, conversar sobre autonomia trouxe-nos boas reflexões acerca da importância de uma educação baseada no processo de emancipação dos estudantes, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos.

Um trabalho vocabular, a partir de dicionários lexical e de sinônimo, encabeçou a discussão sobre Gnosiologia e Epistemologia. As reflexões voltaram-se, principalmente, para o que Freire nos ensina acerca da complexidade que a construção do conhecimento traz, sobretudo na cena educacional. A celebrada máxima “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996. p.22), mostrou-se ampliada e aprofundada quando a correlacionamos com a percepção de que, para Paulo Freire, “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica e gnosiológica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e a seriedade” (Freire, 1996, p. 24). Nessa perspectiva, entendemos que gnosiologia e epistemologia, como teorias da construção e da estruturação do conhecimento, sustentam a percepção freireana de que é tarefa do educador-pesquisador compreender as diferenças entre a curiosidade ingênua, que também é um tipo de saber, e a consciência crítica, outro tipo de saber, estruturado a partir do conhecimento refletido e justificado cientificamente, construído com rigor metodológico.

Destacamos, enquanto grupo, a importância de se estabelecer, no processo educacional, o respeito aos saberes já construídos pelos educandos fora da escola. Partir deles para, com metodologias de ensino adequadas aos distintos contextos de aprendizagem, ampliarmos aquilo previamente construído, com vistas a levar os educandos a entenderem os novos conhecimentos como funcionais para a própria vida e complementares ao que lhes pertence como saber pela experiência feita em vivências subjetivas. Reconhecer o saber do senso comum, observá-lo, quantificá-lo, refletir sobre ele e ampliar questionamentos que o endossam ou o refutam é uma forma de construir conhecimentos para alcançar a consciência crítica, que abrirá caminho para a leitura do mundo e dos significantes que o simboliza nas distintas culturas humanas.

Convém destacar o registro das reflexões da Luiza Dettmar, bolsista em trabalho conosco e participante do ciclo:





Acredito que essa ideia de inconclusão ou inacabamento possa gerar muita ansiedade, mas para mim foi um pensamento que trouxe muita paz. No meu dia a dia sinto que sou muito estimulada a buscar um *status* de vida final, um grande momento de realização final que muitas vezes virá por esforços acadêmicos. Acho que a ideia do inacabamento traz uma incoerência à busca desse "status final", substituindo por uma busca eterna. Traz um sentido mais bonito também para a aprendizagem, fugindo da ideia utilitarista de educação, que se transforma em uma construção de conhecimento necessária para nós enquanto seres em constante formação. Eu sinto que, mais uma vez, Paulo Freire foge de uma perspectiva utilitarista, tão presente no ensino dos dias atuais. Na escola, nos anos cruciais da nossa formação, nos apegamos mais do que ao conteúdo, mas a relação que o professor cria com os estudantes. Acho importante, como docente, estar ciente do peso da nossa presença para um estudante.

(2024, Diário de uma docente em formação, Instagram, 15/06/2024. https://www.instagram.com/p/C8QfbZFpS7s/?igsh=MWE1dGNxY256NWoweg%3D%3D&img_index=1)

A concepção de "Fatalismo Neoliberal" (Freire, 1996) foi discutida a partir do relato de caso do professor Danilson Pinto, em que Paulo Freire descreve o episódio de uma família, moradora dos arredores de um lixão, que, na miséria, alimentou-se de carne humana. A história é narrada pelo autor para nos fazer entender que, mesmo diante de situação limítrofe, deve-se perseverar na esperança da mudança, porque não somos seres condicionados, pré-determinados e, sim, partícipes ativos do processo histórico, alterado por nossas ações. Baseadas em tal concepção, discutimos e enumeramos casos vividos por nós em escolas de contexto de extrema pobreza. Refletimos sobre a importância de não sucumbirmos ao discurso "fatalista neoliberal" que, certo de que nada há para fazer diante do caos, condiciona-nos à inércia do conformismo. Mantemos, enfim, o *status quo*, a que já nos referimos aqui.

A ideia de "Dialogismo" para Paulo Freire pareceu-nos complementar à proposta de luta contra o fatalismo neoliberal. Observamos que não se trata apenas de acatar o respeito ao saber do educando e com ele manter, sempre, pronto diálogo durante a construção do processo de aprendizagem. Mais do que isso, o dialogismo freireano sugeriu-nos a premissa de que, partindo do diálogo entre realidades de educando e educador, o processo reflexivo desembocará na busca pela mudança da realidade que nos cerca. Em outras palavras, o dialogismo freireano será uma arma contra o





pensamento determinista e bruto do fatalista neoliberal, porque abrirá portas para a leitura crítica da própria realidade e incentivará o desejo de mudança. O dialogismo em Freire, então, está implicado com a ação, a práxis.

A conclusão do debate sobre o Pedagogia da Autonomia voltou-se para o conceito de autonomia em si. Entendemos que o princípio da construção da autonomia nos educandos é a diretriz central da filosofia freireana discutida no livro, uma vez que se apresenta como uma espécie de condição final para que o processo educativo crítico e democrático, proposto por Freire, consolide-se. Questões tão caras para o universo educacional nos dias de hoje, como o comprometimento com a própria aprendizagem, respeito aos distintos saberes presentes em uma sala de aula e respeito às gentes que fazem o contexto educacional perpassam pela construção da autonomia do educando. Reconhecer-se livre diante do seu próprio processo de construção de conhecimento é agir com autonomia. Para tanto, é necessário estar atento às responsabilidades que a liberdade nos exige, porque temos, assim, consciência de que nossas ações e escolhas recaem sobre nós mesmos, porque impactam o coletivo: “no fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia”. (Freire, 1996. p.94)

Na introdução do debate sobre a obra “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 2005), terceiro encontro do ciclo, conversamos sobre o que temos chamado de “trilogia” de Freire: Pedagogia da Autonomia, Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança. Retomamos a amplitude da leitura de Freire e a necessidade de reconhecer o entrelaçamento de ideias em obras distintas. Debates especialmente os aspectos filosóficos do texto freireano, pensando nas dificuldades que conceitos prévios da Psicanálise, da Filosofia e da Metodologia Científica de Pesquisa podem trazer à leitura do texto. Estivemos atentas a discutir o que entendemos sobre alguns conceitos teóricos dessa ordem, como: “suporte”, “epistemologia” e “ontologia”. Pesquisamos expressões estrangeiras do texto em si e anotamos nossas reflexões sobre o seu uso. Recheamos nossas conversas com exemplos de nossas vidas, de nossas práticas escolares e familiares mais uma vez.

O primeiro passo para abertura do debate foi dado em direção à breve introdução histórica da obra, já que tratamos do ano de 1968: Martin Luther King, Passeata dos Cem Mil, passeatas estudantis, greve geral e quatro anos de Ditadura Militar no Brasil... estamos a um passo para o AI-5. Já exilado no Chile, Freire publica a 1ª edição do Pedagogia do Oprimido. A história nos diz muito a respeito da densa e intrínseca relação entre fatos/realidade e concepção de educação, debatida no livro: revelam-se as tramas





da relação entre opressores e oprimidos no modo como enxergamos a escola e entendemos como meio mais eficaz de construir conhecimento. Assim, conversamos (mais uma vez) sobre o quanto a obra exige reconhecimento de termos de doutrinas filosóficas e sociológicas e constante comparação entre o "lugar passado e o lugar do presente" para alcançarmos com mais profundidade as lições de Paulo Freire.

Registramos nossos interesses em alguns aspectos da obra que nos pareceram centrais: Tese/ Antítese /Síntese, Oprimido/Opressor, Educação Bancária e A Alfabetização nos Círculos de Cultura. Serão estes nossos pontos de partida para a continuidade do próximo encontro. Seguiremos, então, com o propósito de nos debruçar sobre os saberes de Freire, correlacionando com nossas experiências de vida e de professoras-estudantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo busca veicular reflexões acerca da leitura crítica de obras essenciais de Paulo Freire - e de outras relacionadas ao trabalho do autor - no processo da formação docente. Foram abordados aqui aspectos estruturais e críticos da proposta de um ciclo de debates, partindo das referidas obras, estruturado como ação do projeto de extensão **Café com Método: Estratégias de popularização do pensamento científico aplicado aos estudos de linguagens**, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A contribuição teórica deste trabalho, portanto, centra-se essencialmente em Paulo Freire, na oportunização de espaço contínuo para leitura integral de suas obras, o que promove um processo reflexivo sobre o papel da escola e do educador na construção do conhecimento à luz da nossa contemporaneidade.

Em um artigo acadêmico estruturado em formato tradicional, mesmo, daquele fruto e reflexo da colonialidade, não se costuma autorizar que a seção de conclusão acrescente novos dados a esta escrita; entretanto, levadas pela perspectiva freireana, do encontro para as reconstruções, optamos por deixar para esta seção (que está longe de ser conclusiva) uma pitada de inovação.

Enquanto ação extensionista realizada em rede, o ciclo de debates atingiu diferentes esferas de trabalho do Café com Método. O ciclo acontece, portanto, por contar com a colaboração de membros que atuam em afazeres administrativos, por membros que atuam em afazeres midiáticos, mas também por membros que atuam em afazeres docentes na educação básica. Foi nessa tessitura que um lindo encontro aconteceu, quando a já referida bolsista de iniciação à docência, membra do Café que participa do ciclo Paulo Freire, foi a uma reunião de orientação de atividades de iniciação





à docência. Na reunião, a bolsista (que acompanhou o processo de escrita e reescrita de textos escolares de turmas de nono ano) demonstrou preocupação em aprender a não dar respostas prontas e a não riscar os textos autorais dos estudantes. Verbalizou, ainda, como se sentia reconectada com o processo educativo e com sua escolha pela educação básica, depois das primeiras leituras e discussões junto ao ciclo. O que a graduanda repetiu em reunião com os bolsistas e voluntários do Café com Método, em segundo momento, em reunião de equipe.

Ouvir o relato desta bolsista ID a respeito de como os primeiros encontros com Paulo Freire a tocaram e como aquelas discussões freireanas a impeliam e impediam, já, certas reproduções autoritárias nas experiências didáticas em sala de aula, destacam aos nossos ouvidos que há olhos ainda para ver as propostas freireanas. Relatos como este parecem reforçar a necessidade de percebermos, de fato, a profundidade do que nos diz Paulo Freire e, nesses retornos ao que é completo, poderemos lembrar até mesmo das dedicatórias que recebemos em nossos livros freireanos: “O conhecimento liberta e, quando é acessado com generosidade, muda o curso de uma vida. Você tem conhecimento e é muito generosa. Que alunos privilegiados, os seus! Seja feliz, amiga! Beijo, Dez/2005”.

Seremos felizes se pudermos continuar promovendo ações que operem para o combate ao reducionismo da filosofia freireana, centradas apenas em “citações de efeito” ou em críticas partidárias infundadas. Tal contribuição é essencial para que os estudantes em formação, futuros atuantes nas salas de aula do Brasil, entendam com maior amplitude as contribuições do nosso patrono da educação, deixando de relacioná-lo exclusivamente à alfabetização de jovens, adultos e idosos, mas tomando seus ensinamentos, sobretudo, como um viés formador essencial para o que os constitui enquanto sujeitos no mundo, enquanto gente, enfim.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 40^a ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



[João Pessoa-PB] v. 13 | p. 1-15, **Dossiê: XII Colóquio Internacional Paulo Freire - Educação libertadora: esperar para a reconstrução do Brasil**, 2025.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>



FREIRE, Paulo. Guimarães, Sérgio. **Educar com a mídia, novos diálogos com a educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina, reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Direção, organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. 2ª ed. Ver. São Paulo: Editora UNESPE, 2003.

VASCONCELOS, Joana Salém; MENDES, Maíra Tavares; MUSSI, Daniela (Orgs.). **Paulo Freire e a educação popular, esperar em tempos de barbárie**. São Paulo: Elefante, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GUIMARÃES, S. A.H. Café, método, popularização: uma introdução. In: GUIMARÃES, S. A. H. (Org). **A popularização do discurso científico em debate: língua(gens) em perspectiva**. Campinas: Pontes Editores, 2023, p. 14-27.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Recebido em: 30/04/2025

Aprovado em: 02/05/2025



||João Pessoa-PB| v. 13 | p. 1-15, **Dossiê: XII Colóquio Internacional Paulo Freire - Educação libertadora: esperar para a reconstrução do Brasil**, 2025.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>